

A FACE DO ESTUPRO

A despeito das leis que protegem as mulheres, o crime de violência sexual cresce nos últimos cinco anos.

“Cala a boca, se alguém ouvir sua voz vai saber que é tu”, grita um. “Tapa o rosto da novinha”, diz o outro. Um vídeo que circulou nas redes sociais, em maio deste ano, mostra quatro rapazes que estupram uma menina de 12 anos em uma comunidade na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. O crime aconteceu cerca de um ano após o estupro coletivo de uma adolescente de 16 anos no Morro da Barão, na Praça Seca, na mesma cidade, com vídeo do ataque também postado nas redes sociais. Em Uruçuí, no sul do Piauí, uma grávida de 15 anos foi estuprada por três adolescentes, e o namorado, morto na sua frente. Em Presidente Epitácio, no interior paulista, uma mulher de 48 anos foi retirada de sua casa e estuprada por quatro rapazes — eles eram seus vizinhos. Em Santo Antônio do Amparo, Minas Gerais, uma dona de casa de 31 anos foi atacada, estuprada e morta a caminho de casa. Os crimes foram cometidos e confessados por quatro homens.

Dados inéditos do Ministério da Saúde (MS), anunciados em agosto deste ano, revelam o crescimento dos estupros coletivos em cinco anos. A pesquisa — primeira a captar a evolução desse tipo de violência sexual no país — mostra que as notificações pularam de 1.570, em 2011, para 3.526, em 2016. São em média dez casos de estupro coletivo por dia, descontado o problema da subnotificação dos casos de violência sexual — nem todas as vítimas procuram hospitais ou a polícia por medo ou vergonha e, ainda, 30% dos municípios não fornecem dados nesse sentido ao Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) do Ministério da Saúde, apesar de a notificação pelos serviços públicos e privados de saúde ser obrigatória desde 2011 — e o fato de, na polícia, os registros do crime praticado por mais de um agressor não serem contabilizados em separado dos demais casos de estupro. Vale citar ainda que, de acordo com estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), apenas 10% do total de estupros são notificados. Considerando, portanto, com base no levantamento feito pelo MS, que há 50 mil casos registrados por ano (na polícia e nos hospitais), o país teria 450 mil ocorrências ainda “escondidas”.

Primeira a traçar um perfil dos casos de estupro no Brasil a partir de informações de 2011 do Sinan, a pesquisa do Ipea diz que 89% das vítimas são do sexo

feminino e têm, em geral, baixa escolaridade. Do total, 70% são crianças e adolescentes. “As consequências, em termos psicológicos, para esses garotos e garotas são devastadoras, uma vez que o processo de formação da autoestima — que se dá exatamente nessa fase — estará comprometido, ocasionando inúmeras vicissitudes nos relacionamentos sociais desses indivíduos”, escrevem em uma nota técnica o diretor de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia, Daniel Cerqueira, e o técnico de Planejamento e Pesquisa do Ipea, Danilo Santa Cruz Coelho, responsáveis pelo estudo.

Para Cerqueira, “o estudo reflete uma ideologia patriarcal e machista que coloca a mulher como objeto de desejo e propriedade”. Segundo ele, 70% dos estupros são cometidos por parentes, namorados ou amigos e conhecidos da vítima, o que indica que o principal inimigo está dentro de casa e que a violência nasce dentro dos lares. Ainda de acordo com a Nota Técnica, 24,1% dos agressores das crianças são os próprios pais ou padrastos e 32,2% são amigos ou conhecidos da vítima. “O indivíduo desconhecido passa a configurar paulatinamente como principal autor do estupro à medida que a idade da vítima aumenta. Na fase adulta, este responde por 60,5% dos casos”, esclarece a pesquisa.

Retrato nacional

Os estados do Acre, Tocantins e Distrito Federal lideraram as taxas de estupro coletivo por cem mil habitantes, com 4,41, 4,31 e 4,23, respectivamente. Esse tipo de crime representa, atualmente, 15% dos casos de estupro atendidos pelos hospitais, em um total de 22.804 casos de violência sexual registrados em 2016.

Segundo a antropóloga Debora Diniz, pesquisadora da Anis - Instituto de Bioética, o trauma emocional de uma mulher que sofre estupro coletivo é muito maior, especialmente quando a violência resulta em gravidez, ainda que o aborto seja legal nessas situações. Ela observa, também, que a gravação e a divulgação de imagens de vários casos de estupro coletivo chamam atenção. Dos 51 casos noticiados nos últimos três anos, 14 tiveram vídeos em redes sociais, a exemplo da situação da menina de 12 anos estuprada no Rio e ameaçada para ficar em silêncio. O caso só foi denunciado à polícia quando a tia recebeu as imagens pelo celular. “É perturbadora essa necessidade que os agressores têm de filmar a violência. É como se fosse um souvenir da conquista”, avaliou.